

BREVE ESTUDO SOBRE OS ANAGRAMAS E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DO VALOR EM SAUSSURE*

Recebido em 30/08/2008

Aceito em 11/03/2009

Karen Alves da Silva**

Neste artigo, analisa-se o trabalho de Ferdinand de Saussure sobre os anagramas e sobre a teoria do valor a fim de delinear uma possível relação entre estes dois estudos. Nesse sentido, reflete-se sobre como a noção de valor que perpassaria o estudo dos anagramas seria semelhante presente na teoria do valor do Curso de Lingüística Geral¹.

Palavras-chave: Ferdinand de Saussure; Anagramas de Saussure; Teoria do Valor.

Considerações iniciais

Saussure, entre os anos de 1906 até 1909, dedicou-se a analisar a suposta presença de **anagramas fônicos** em poemas clássicos. Para tanto, o mestre definiu o conceito de anagrama e de hipograma e, de posse destas noções, procurou analisar as poesias clássicas a fim de encontrar hipogramas diluídos ao longo do texto e, então, reconstituir os anagramas.

Alguns estudiosos consideram que o estudo dos anagramas é bastante distinto das articulações saussurianas sobre a língua e sobre a linguagem. Contudo, nesse artigo, apoiados em Starobinski (1974) e em De Lemos (1997), procuramos delinear pontos de aproximação entre o estudo dos anagramas e a teoria do valor – teoria esta que constitui o cerne das articulações saussurianas presentes no *Curso de Lingüística Geral* (2001[1916]). Salientamos, contudo, que não é nossa intenção não é debater a validade de se especificar uma dicotomia entre o Saussure dos anagramas e aquele do *Curso*, mas tencionamos encontrar aproximações entre a teoria do valor e as articulações sobre os anagramas, objetivando especialmente verificar em que medida a

* Este trabalho é resultante da pesquisa “Os anagramas de Saussure: Saussure sob Saussure?”, realizada entre maio de 2004 e abril de 2005 sob orientação da Profa. Dra. Maria Fausta Pereira de Castro. Esta pesquisa foi financiada por uma bolsa de iniciação científica da FAPESP (processo nº 04/00444-7).

** Mestre em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: karenals@yahoo.com.br.

¹ Doravante *CLG* ou *Curso*.

concepção de “valor” do *Curso* se aproxima daquela que está presente nos anagramas.

Anagrama: o que é e como funciona

Entre 1906 a 1909, Saussure estudou um *corpus*² de poemas clássicos que continha obras de alguns autores, tais como Homero, Sêneca e Ovídio. Nestes poemas, Saussure detectou a presença de um mecanismo de composição, que é baseado na **análise fônica** das palavras, composto pelo *hipograma* e pelo *anagrama*.

O **hipograma** (palavra-tema) é um nome, normalmente de um deus ou de um herói, escolhido pelo poeta e que deve ter seus fonemas diluídos ao longo do poema. Os fonemas hipogramáticos, intercalados ao demais fonemas do poema, podem aparecer dispersos ao longo dos versos, em cadeias ou próximos um dos outros. Já o **anagrama** é o processo responsável pela diluição do hipograma nos versos. O anagrama saussuriano não segue a definição tradicional do termo segundo a qual um anagrama é uma palavra completa formada por todas as letras de uma outra palavra, pois é caracterizado pela sua motivação **fônica** e não ortográfica: “a pesquisa terá apenas uma relação de longínqua analogia com o anagrama tradicional (...). A leitura, aqui, se aplica em decifrar combinações de fonemas e não de letras” (STAROBINSKI, 1974, p. 21- 22).

Para Saussure, era imprescindível traçar regras para a detecção tanto do anagrama quanto dos fonemas hipogramáticos a fim de validar cientificamente o seu estudo. Neste sentido, num primeiro esforço, delineou a **lei do acoplamento**: no interior de cada verso, toda a vogal e toda consoante devem ser redobradas e, desse modo, a aliteração repousa numa duplicação consciente e calculada (SILVEIRA, 2003). O poeta então deveria lançar mão da maior quantidade de fragmentos fônicos retirados do tema (do anagrama) para diluir esses fragmentos ao longo do poema. Em outras palavras, ele comporia trechos que contivessem o maior número possível de fonemas hipogramáticos, sendo desejável que uma seqüência fônica apareça. E somente ao fim de sua composição, esse poeta se ocuparia do metro e do ritmo.

Ao longo do estudo, Saussure concluiu que a aliteração “inicial não possui nenhuma importância particular [para o anagrama], e o erro foi não ver que todas as sílabas aliteram ou assoam, ou são compreendidas em uma harmonia fônica qualquer” (idem, p. 22). Desse modo, o genebrino não mais

² O *corpus* de Saussure era constituído por: **versos saturninos** (17 cadernos e 1 maço de papéis); **Anagramas**: Homero (24 cadernos), Virgílio (19 cadernos), Lucrécio (3 cadernos), Sêneca e Horácio (1 caderno), Ovídio (3 cadernos), autores latinos (12 cadernos), Carmina epigraphica (12 cadernos); **Hipogramas**: traduções de Thomas Johnson (13 cadernos), Rosati, Pascoli (quadros escritos em folhas); acrescentam-se 26 cadernos dedicados à **métrica védica**² (cf. Starobinski, 1974).

lançou mão explicitamente da lei do acoplamento e passou a utilizar a noção de **dífono**. Ele concluiu que os fonemas hipogramáticos não apareceriam sozinhos (monófonos) no verso: surgiriam pelo menos dois fones, *dífono*, aparentemente ligados. Nesse contexto, Saussure deparou-se com a seguinte questão: poderia um dífono, sujeito à anafonia, ver seus dois constituintes, aparentemente inseparáveis, distanciarem-se um do outro? (cf. STAROBINSKI, 1974).

Para tentar solucionar esta questão, é crucial atentar para o fato de que o anagrama funciona sob regras que não são necessariamente utilizadas no “plano lingüístico comum” e, desse modo, é preciso que haja outro plano em funcionamento: o **plano anagramático**. A ordem linear constitui um dos pontos em que o plano anagramático difere do lingüístico, pois os fragmentos hipogramáticos não precisam surgir no verso na mesma seqüência posta no hipograma. Por exemplo, se o hipograma é *APOLLO*, os fones podem surgir em outra seqüência, tal como *APLLOO*. Evidentemente, o plano anagramático está submetido ao plano lingüístico, visto que é somente através deste último que o anagrama pode existir e fazer sentido.

Contudo, o próprio Saussure afirmou que “o princípio do dífono quer dizer que se representam as sílabas na CONSECUTIVIDADE de seus elementos” (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 34). Assim, mesmo que se possa deslocar o encadeamento normal dos fones que compõem a palavra-tema para estabelecer um outro modo de leitura no qual a consecutividade pode ser ignorada, é louvável que os fones do dífono apareçam ligados.

Saussure derivou do princípio do dífono as chamadas **regras de agrupamento** que serão fundamentais para a detecção do hipograma anagramatizado. Segundo estas regras, “em volta de um núcleo DIFÔNICO agrupam-se um ou vários elementos monofônicos (*ipso facto*, privados da faculdade de existir por eles mesmos, recebendo-a unicamente do fato de estarem na órbita do DIFONO)”. (idem, p. 35). Seguem, abaixo, essas **regras de agrupamento** propostas por Saussure, conforme Starobinski (1974):

1ª) O dífono contido numa palavra se anexa à **inicial** da palavra para se combinar com ela em trífono (3 fones) [sem a faculdade de mudar de ordem].

2ª) O dífono contido numa palavra se anexa à **final** da palavra para se combinar com ela em trífono [sem faculdade de mudar de ordem].

3ª) Um dífono inicial se anexa a um monófono interior. Esta regra oferece mais possibilidades do que as anteriores, pois se pode escolher qualquer monófono interior. Contudo, a mudança de ordem também está vetada.

4ª) Um dífono final se anexa a um monófono interior. Assim como na terceira regra, é lícito escolher qualquer monófono interior, desde que não se mude de ordem.

5ª) Um dífono interior se anexa a um monófono igualmente interior. Esta parece ser a regra limite, pois tudo que a ultrapasse não é permitido pelo anagrama.

Além do dífono, Saussure delineou a noção de **manequim** para melhor entendimento do funcionamento do processo anagramático. O manequim seria

uma espécie de “janela”, delimitada pelos fonemas inicial e final do hipograma, na qual a presença dos outros fonemas hipogramáticos é potencializada. Ou seja, entre o fonema inicial e o final do manequim – que coincidem com os fonemas inicial e final do hipograma – há a maior probabilidade de que sejam encontrados os demais fonemas do hipograma.

Em suma, a definição das regras de acoplamento, baseadas na noção de dífono, o estabelecimento da noção de manequim e a tomada de consciência de que o anagrama não segue necessariamente as regras do “plano lingüístico” para funcionar – haja vista que pode quebrar o paradigma da linearidade – contribuem para compreender o que seria o processo anagramático que Saussure supôs encontrar nos versos clássicos.

Todas essas noções, no limite, são resultantes de um esforço teórico do mestre em explicar um processo, o qual, na verdade, ele não podia provar a não ser por um esforço de análise exaustiva de dados. Nessa conjuntura, o genebrino se dedicou, com grande ímpeto, a perscrutar os poemas e a procurar extrair deles o anagrama pela detecção dos hipogramas. Com a finalidade de compreender esse esforço analítico de Saussure, vejamos como o mestre tentou encontrar anagramas e hipogramas em um trecho da Eneida.

Análise da passagem “Tempus erat”, *Eneida*, canto II, versos 268 – 297

Saussure procurou detectar a presença do processo anagramático na epopéia *Eneida* de Publius Virgilius Maro³. O mestre acreditou que em “*Tempus erat*” (*Eneida*, canto II, versos 268 – 297) “os recursos totais da poesia tenham sido empregados inclusive o anagrama” (STAROBINSKI, p. 39). Nesta passagem, Enéias narra a queda e o saque de Tróia, e a sua fuga da cidade em chamas em companhia de seu pai Anquises, seu irmão Ascânio e outros troianos. Além disso, entre os 268 e 297, relata-se a aparição em sonhos do espectro do herói troiano Heitor a Enéias.

Quanto especificamente aos anagramas, para Saussure, “a visão de Heitor chama, evidentemente, como anagrama, pelo nome de Heitor” (SAUSSURE *apud* STAROBINSKI, 1974, p. 39). Porém, o genebrino duvidou da escolha de *Heitor* (“*Hector*”, em latim) como hipograma, mesmo que evocado pelo contexto textual, porque contém poucos fonemas para serem anagramatizados. Sendo assim, ele achou que hipograma era “*Priamides*”, pois, mesmo que não seja expresso no texto, seria o “único nome suficientemente claro além de Heitor” (*idem*) por identificar com adequação “o filho de Príamo” (Heitor).

Posto o contexto, partimos para a análise do funcionamento anagramático em “*Tempus erat*”. Para tanto, utilizamos a análise de Saussure⁴

³ A composição da *Eneida* consumiu os últimos 10 anos da vida de Virgílio e, antes que o poema estivesse terminado - faltava a revisão final -, Virgílio faleceu em Brindisi em 19 a.C..

para tecer as nossas formulações que focam, especialmente, as regras de agrupamento. Saussure detectou cinco anagramas nesta passagem, mas apresentamos apenas um destes cinco.

Hipograma a ser detectado: **PRIAMIDES**

Anagrama: “*Tempus erat quo || PRIMA QUIES || mortalibus aegris*” (verso 268)

Tradução: Era o tempo em que começa o primeiro sono para os atormentados mortais.

Manequim: || Prima quie**S** ||
Saussure: || **PR**ima qui**ES** ||
Nossa análise: || **PRI(M)A** quie**S** ||
P + RI = inicial + dífono interior
RI + (M)⁵ = dífono interior + monófono interior
RI + A = dífono interior + monófono interior
IE + S = dífono interior + final **ou I + ES** = monófono interior + dífono final

Starobinski (1974) afirma que Saussure detectou um total de dez anagramas para “*Priamides*” entre os versos 268 e 297 do canto II da *Eneida*. Contudo, Saussure voltou a analisar especificamente a passagem “*Tempus erat*” porque ainda suspeitava que “Heitor” estivesse anagramatizado neste trecho. De fato, ele acabou detectando oito anagramas para esta palavra-tema diluídos no trecho em questão. Desse modo, Saussure descartou a hipótese de que “Heitor” tivesse sido substituído por “*Priamides*” e postulou que em um mesmo fragmento textual dois sistemas anagramáticos podem co-existir.

Anagramas: fenômeno passível de análise ou postulado místico?

Em nome de Saussure, os lingüistas se dividem porque o próprio Saussure traz em si essa divisão, que se reflete na **dicotomia fácil pela qual se opõe o Saussure do Curso de Lingüística Geral** (tão claro e frio que é comentado a partir de leitura de seus editores) **ao Saussure dos Anagramas** (por onde vagueia a obscura loucura da decifração, das associações escondidas nos versos saturninos (GADET e PÊCHEUX *apud* DE LEMOS, 1997; grifos de DE LEMOS⁶).

⁴ A análise feita por Saussure, retirada de Starobinski (1974: 39), parece não estar completa, há trechos que parecem ter sido suprimidos através do uso de reticências.

⁵ Seguindo a ordem linear, [m] não poderia ser um fonema hipogramático. Porém, como ele está cercado de outros fonemas hipogramáticos, é oportuno julgá-lo como parte integrante do processo anagramático.

⁶ As páginas do texto de De Lemos (1997) não estão numeradas e, por esse motivo, não citamos o número da página de onde foram retiradas os excertos.

Ao refletir sobre os anagramas, De Lemos (1997) afirma que “Saussure hesita entre a precedência da palavra-tema, relativamente a um texto, ou de sua forma de presença sob, debaixo do texto”. Se o hipograma estivesse **sobre** o texto – ou seja, se sua utilização fosse pensada antes da composição do poema –, funcionaria como um elemento, introduzido e cifrado intencionalmente pelo versificador, que emana um efeito de sentido relativo à temática textual. Já se o hipograma estivesse **sob** o texto, o seu ciframento e o efeito de sentido produzido por ele ocorreriam independentemente “do alcance do poeta no seu ato” (idem).

Além disso, o seguinte impasse exasperou Saussure durante toda a pesquisa: “a palavra que eu recorto e colo está no texto ou só eu a vejo?” (idem). Em outras palavras, só o pesquisador conseguia detectar o hipograma anagramatizado ou um sujeito qualquer, ao ler ou ouvir o poema, poderia percebê-lo. Para tentar solucionar este impasse, Saussure buscou as leis que regulassem o funcionamento anagramático⁷, pois acreditava que através delas poderia confirmar ou refutar a existência do fenômeno.

Mas, por mais indícios encontrados sobre a existência dos anagramas, Saussure “continuava preocupado com a necessidade da prova externa” (STAROBINSKI, 1974, p. 104). A insegurança do genebrino ao trabalhar com algo supostamente “místico” foi motivada pelas crenças e pela *vontade de verdade*⁸ (FOUCAULT, 1970) da época em que viveu: nos séculos XIX e XX, o papel da ciência era analisar fenômenos passíveis de prova e, portanto, considerados verídicos.

De fato, Saussure não resolveu nem a questão sobre a detecção do anagrama nem sobre o uso intencional do processo anagramático, pois não havia fontes testemunhais ou bibliográficas que pudessem ser consultadas no tocante à presença de anagramas nos versos clássicos. Parece que o processo anagramático, se de fato existiu, teria sido uma prática mantida em segredo entre os poetas.

Contudo, mesmo que Saussure estivesse *sempre na corda bamba* (SILVEIRA, 2003, p. 92), ele sustentou, mediante análise dos poemas e conclusões pessoais, a hipótese de que o poeta utilizasse intencionalmente o anagrama. Mesmo fazendo esta opção, a preocupação do genebrino em encontrar as provas não cessou; em vários momentos ele se questionou: como posso provar? A perturbação de não conseguir provar efetivamente o fenômeno

⁷ As leis de funcionamento do processo anagramático foram apresentadas na primeira seção desse trabalho.

⁸ Para Foucault (1970), a **vontade de verdade**, um dos procedimentos de controle externo do discurso, refere-se à discussão sobre quais discursos são tidos como verdadeiros e quais como falsos para uma sociedade. Os valores de verdade se constituem e se modificam historicamente: *as vontades de verdade não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento* (FOUCAULT, 1970, p. 14). Além disso, só quando *se está na verdade* da época se pode proferir uma verdade, caso contrário, o discurso é censurado.

anagramático fará com que o mestre, além de não divulgá-la, interrompesse a pesquisa em 1909.

Ao se analisar as articulações de Saussure sobre os anagramas e ao contrapô-las ao seu estudo sistemático, contido no *Curso*, sobre a língua e sobre a linguagem, ressurge a questão “da contradição que o divide, dividindo a sua obra” (DE LEMOS, 1997). A “dicotomia fácil” que coloca de um lado os anagramas e de outro o *CLG*, reflete a separação entre o que é tido como científico e o que não é: por não ser passível de prova, o fenômeno anagramático está fora da agenda da ciência e, desse modo, distingue-se das demais teorias saussurianas. Para Silveira (2003, p. 87), “nos meios acadêmicos, lugar de circulação de um lingüista, os anagramas permanecem presentes mas sem relação com as elaborações de Saussure que comparecem no *CLG*”.

Contudo, interrogamos se é realmente possível executar uma “dicotomia fácil” na obra de Saussure, pois a pesquisa dos anagramas e a teoria do valor foram elaboradas paralelamente, entre 1906 e 1911, sendo pouco provável que o mesmo autor utilizasse diferentes pontos de vista em cada um dos trabalhos. Nesse sentido, acreditamos que toda a produção de Saussure é direcionada por certos parâmetros de análise lingüística adotados por ele e aplicados tanto aos anagramas quanto à teoria do valor. A fim de sustentar esse ponto de vista, teceremos algumas considerações sobre a teoria do valor e, então, faremos aproximações entre ela e os anagramas.

Teoria do valor

Nunca é demais repetir que os *valores* dos quais se compõe primordialmente um sistema de língua (um sistema morfológico), um sistema de sinais, não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferença geral das significações *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos reciprocamente (SAUSSURE, 2004, p. 30-31).

A teoria do valor é um dos conceitos cardeais do pensamento saussuriano e convoca para a sua compreensão muitos dos conceitos articulados por Saussure e, desse modo, torna-se altamente complexa e de difícil exposição. Por estes motivos, Saussure reluta em apresentar suas articulações sobre a questão do valor a seus alunos e somente decide esboçar publicamente a questão nas suas aulas dos dias 23, 27 e 30 de junho e 4 de julho de 1911 (cf. BOUQUET, 2000).

Contudo, mesmo diante da complexidade do tema, é preciso analisá-lo, pois a teoria do valor é um dos elementos que diferenciam o trabalho de Saussure de outros trabalhos feitos na época⁹. Para o seu entendimento, dado que a teoria do valor mobiliza os principais conceitos cunhados/deslocados pelo genebrino, a saber, “língua”, “arbitrariedade”, “sistema”, “signo”, faz-se

necessário compreender a participação desses conceitos na questão do valor para, então, vislumbrar como esta teoria se relaciona com o estabelecimento do sentido e como participa efetivamente do aparente afastamento da questão da referência nos postulados do mestre.

Segundo o próprio Saussure, cabe à língua constituir as suas unidades e ela o faz a partir de duas ordens de massas amorfas, a saber, a das **idéias** e a dos **sons**⁹. Em outras palavras, a língua recorta a suas unidades, em duas massas amorfas, para formar os signos lingüísticos. Portanto, um signo é resultante da relação entre idéia e imagem acústica (“impressão psíquica do som”), configurando-se enquanto partícula dual, negativa e relacional: apesar de ser composto por significado e significante – formando uma positividade –, não tem existência em si mesmo, pois depende das relações sistêmicas e das diferenças entre os termos lingüísticos para continuar a existir.

Desse modo, temos que, mesmo a língua propiciando a existência do signo lingüístico, são as relações entre os signos que conferem dinamismo ao sistema lingüístico: porque os signos se relacionam de modo negativo e diferencial é que o sistema de língua pode funcionar. Assim, é porque o sistema funciona a partir da constituição dos signos e das relações entre os termos que se pode dizer que “todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (SAUSSURE, 2001 [1916], p. 133).

⁹ Segundo Lahud (1977, p. 33), “a transformação conceitual que prepara essa nova caracterização do signo só é plenamente realizada com a introdução das noções de sistema e de valor. Pois, a partir daí, não se poderá mais pensar o signo como uma entidade psíquica de duas faces, nem simplesmente como uma unidade relacional ou diferencial – tornando-se, assim, a peça do jogo de xadrez metáfora privilegiada do signo.”

¹⁰ No *CLG*, mais especificamente no capítulo “O valor lingüístico”, é explicitado este recorte efetuado pela língua no que tange as massas amorfas de idéias e de sons. Para Saussure, nosso pensamento não passaria de uma *massa amorfa e indistinta* e, portanto, não haveria idéias pré-estabelecidas antes do aparecimento da língua. O papel da língua, enquanto delimitadora das unidades lingüísticas, seria o de delimitar as unidades nas massas amorfas e indistintas dos sons e das idéias. Dessa forma, caberia à língua a função de estabelecer suas unidades através de recortes nessas massas que compõem o nosso pensamento, que é de natureza caótico. Cada termo lingüístico, assim, se constituiria enquanto um pequeno membro em que “uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia” (Saussure, [1916] 2001, p. 131). É importante destacar, contudo, que as terminologias “idéia” e “som” são substituídas por Saussure ao longo de sua reflexão. Primeiramente, o genebrino passa a usar “conceito” para “idéia” e “imagem acústica” para “som”; segundo Saussure, “som” não seria um termo adequado porque o signo não encerra em si “um som material, uma coisa puramente física, mas a impressão (“*empreinte*”) psíquica desse som (...) e um outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato” (idem, p. 80; adaptado). Contudo, as mudanças terminológicas no tocante ao signo não param por aí. O mestre substituiu “conceito” por “significado” e “imagem acústica” por “significante” por acreditar que esses termos sejam mais adequados para refletir a natureza da relação entre os elementos que compõem o signo: “(...) Propomo-nos a conservar o termo ‘signo’ para designar o total, e a substituir ‘conceito’ e ‘imagem acústica’ respectivamente por ‘significado’ e ‘significante’; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte” (idem, p. 81).

Um outro ponto importante concernente à questão do valor, o qual comparece tanto no *CLG*¹¹ quanto nas notas dos alunos de Saussure, é que “Il ne faut pas commencer par le mot, le terme, pour en déduire le système” (ÈNGLER, 1989, p. 251)¹². Pelo contrário, Saussure apresenta o princípio de que é necessário partir do sistema para determinar as unidades, pois caso fossem estabelecidas primeiro as unidades para, depois, chegar ao sistema, haveria o pressuposto de um valor absoluto positivo¹³ para cada uma destas unidades. É exatamente essa positividade da unidade que é redimensionada na teoria saussuriana: a unidade possui uma existência positiva, mas ela nada vale em si mesma no sistema, pois só existe e se constitui no jogo de diferenças negativas no sistema de língua.

Analogamente ao signo lingüístico, nenhum dos seus constituintes é dotado de positividade, pois os componentes que formam o signo, a saber, significado e significante, são também frutos de relações negativas e diferenciais, adquirindo valor por essas relações. Em outras palavras, tanto significado quanto significante só figuram no sistema lingüístico por estarem desprovidos de existência material e se tornarem valores determinados pelos cortes na massa das idéias e na massa das imagens acústicas.

Então, o que garante o funcionamento do sistema lingüístico não é de modo algum a existência positiva dos termos, mas as relações de valor entre eles: não há nada na materialidade do signo que garanta a sua existência, mas são as relações solidárias entre as unidades que fazem o sistema de língua operar. Mais do que isso, porque o signo lingüístico é fruto de uma ligação arbitrária entre significado e significante é que as relações negativas que ele estabelece com os outros signos podem existir: por não ter compromisso com nenhuma outra ordem que não a lingüística, o signo é resultado apenas das ligações/relações entre os termos que compõem o sistema.

Assim, por ser arbitrário, negativo, dual, é que o signo pode ser tomado enquanto mais do que uma positividade ou de uma pura relação: ele pode ser entendido como um valor. Em outras palavras, é por causa da sua arbitrariedade para com tudo aquilo que está fora da língua que o signo pode existir enquanto partícula receptora de um valor lingüístico. Saussure nos diz o seguinte sobre este fato: “na associação que constitui o signo, não há nada, desde o primeiro

¹¹ Saussure (2001[1916], p. 132), no *Curso de Lingüística Geral*, afirma que: “Além disso, a idéia de valor assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra”.

¹² Anotação feita por Émile Constantin em uma das aulas, referentes ao terceiro curso de lingüística geral (1910-1911), proferidas por Saussure.

¹³ Ou seja, que cada uma das unidades poderia ser detectada pela sua própria materialidade e não pelas relações negativas as quais estão submetidas no sistema.

momento, além de dois valores que existem um em virtude do outro (arbitrariedade do signo)” (SAUSSURE, 2004, p. 287).

Tal como uma moeda de cinco francos que tem o seu valor determinado por vários elementos além do metal que a compõe, o valor lingüístico é determinado por uma multidão de fatores, não somente pelo significado e pelo significante. Se a conjunção arbitrária entre significado e significante, tomados como valores, propicia a existência do signo, são as relações, dentro do sistema de língua, que lhe conferem valor. Assim como no caso da moeda que tem o seu valor determinado não pelo cobre que é feita, mas pelas articulações econômicas e pelo tempo, o valor lingüístico não reside no signo lingüístico, que é a partícula que porta o valor, mas nas relações existentes no sistema de língua. Segundo Saussure (2004):

Os valores (...) não consistem nem nas formas nem nos sentidos, nem nos signos nem nas significações. Eles consistem na solução particular de uma certa relação geral entre os signos e as significações, estabelecida sobre a diferença geral dos signos *mais* a diferenças geral das significações *mais* a atribuição anterior de certas significações a certos signos ou reciprocamente (SAUSSURE, 2004, p. 31).

A “diferença” e a “negatividade”, portanto, são pontos cruciais para a compreensão da questão do valor lingüístico. Para Saussure, as formas valem devido ao signo funcionar somente pelas relações lingüísticas às quais está submetido (negatividade) e pela diferença recíproca e material entre as formas. Em outras palavras, o signo lingüístico vale porque é destituído de qualquer materialidade (valor incorpóreo) e porque é aquilo que outro signo não é. Em suma, além de figurar na associação significado/significante¹⁴, o valor lingüístico tem a sua essência nas relações negativas e diferenciais entre as formas: “o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia” (SAUSSURE, 2001 [1916], p. 135).

Posta a definição de valor e os aspectos funcionais e conceituais que ela congrega, é interessante sumarizar os encadeamentos que o estabelecimento do valor lingüístico evoca. Então, partamos de dado um momento sincrônico, considerando que os signos figuram no sistema de língua e se relacionam entre si pelas diferenças existentes entre eles. Estes signos não são conceitos, mas “valores opostos por nosso espírito” (SAUSSURE, 2004, p. 80).

Há inicialmente as massas amorfas das idéias e das imagens acústicas, as quais são recortadas arbitrariamente pela língua para a formação do signo. Dado o corte, o signo constituído configura-se como um ente positivo, pois pode ser diferenciado dos outros signos pela relação de necessidade estabelecida entre o significado e o significante (ambos valores) que o compõe;

¹⁴ Na constituição do signo lingüístico, significado e significante são entendidos enquanto valores, já que ambos não unidos arbitrariamente.

por exemplo, em uma dada língua que possua apenas *ba* e *la* o nosso espírito classifica cada um destes elementos por sua existência própria.

Contudo, a partir do momento que o signo formado passa a figurar no sistema lingüístico, ele se torna essencialmente negativo: sua existência depende exclusivamente das relações que ocorrem na língua. Então, temos que o espírito (pensamento)¹⁵, apesar de reconhecer a positividade do elemento lingüístico para classificar, somente busca o que é distintivo e puramente negativo; ou seja, “a característica é positiva, mas ele só buscou a característica negativa que permitiu decidir entre *ba* e *la*”; “hãõ procurou reunir e coordenar, mas quis, unicamente, diferenciar” (idem). É justamente a partir do momento que o espírito (pensamento) diferencia através das características negativas dos termos que a cada signo se integra um dado valor, “que só é determinado pelo conjunto de signos presentes ou ausentes no mesmo momento” (idem). Este movimento de estabelecimento de valores aos signos é um processo que nunca termina, visto que os signos mudam a cada momento.

Milner (2002) nos informa que Saussure imprime uma mudança importante em relação aos estudos de linguagem feitos até aquele momento ao redimensionar o signo clássico: ele o torna uma partícula dual (significante/significado) e arbitrária em relação a tudo quanto está fora da língua. Este signo redimensionado configura-se um dos pilares principais da teorização saussuriana, afinal o sistema de língua proposto pelo genebrino só pode funcionar devido à presença dos signos.

Mas, também nos alerta Milner (1992), o genebrino acaba por deslocar novamente este signo refeito: se redimensionar o signo clássico foi um passo importante para a teoria, torná-lo um valor é fundamental para a teorização e é uma grande inovação implementada por Saussure: é enquanto valor que o signo funciona no sistema lingüístico. Assim, porque o sistema de língua não tem compromisso algum com o que provenha do exterior à língua, os signos podem se relacionar entre si de modo arbitrário e adquirir valor conforme as relações que estabelecem entre si.

Aliás, segundo Bouquet (2000), a complexidade do valor também se deve ao fato que ele contém dois outros fatos complexos em si mesmos: o **valor in praesentia**, que procede do fato sintagmático, e o valor **in absentia**, que procede da arbitrariedade, definidos por Saussure, respectivamente, da seguinte maneira:

1. A coordenação sintagmática e a esfera das relações sintagmáticas.

(...) Os termos opostos entre si encontram-se numa oposição espacial, e

¹⁵ Acreditamos que, neste contexto, a melhor tradução para a palavra “esprit” (francês) seja “pensamento” e não “espírito”. Contudo, na tradução brasileira dos *Escritos de Lingüística Geral* (SAUSSURE, 2004), em relação ao manuscrito por nós utilizado para desenvolver este ponto, a palavra “esprit” é traduzida por “espírito” e, portanto, optamos por manter a tradução da versão brasileira do livro.

o jogo que se estabelece entre eles tem por base este princípio espacial. O espaço que falamos é, bem entendido, um espaço de tempo. O que coexiste sintagmaticamente coexiste na extensão como as peças de uma máquina (mas temos aqui apenas uma dimensão)

2. **A coordenação associativa.** Por associação psíquica com outros termos que existem na língua.

(...) [No sintagma] poderíamos dizer: o agrupamento *in praesentia* e [na série associativa] o agrupamento *in absentia* (BOUQUET, 2000, p. 256).

O valor *in absentia* remete “ao fato de que o signo é considerado na língua na ausência de toda inserção sintagmática” (idem, p. 257) e, nesta ordem do valor, conforme Bouquet (2000), estão envolvidas duas categorias. A **primeira categoria** contém o **valor interno do signo** que, por sua vez, possui três facetas¹⁶.

1) o significante responde pelo seu significado; nessa medida, **o significado é o valor desse significante**; 2) o significado responde pelo seu significante: nessa medida, **o significante é o valor desse significado**; 3) o significante e o significado respondem simultaneamente um pelo outro: nessa medida, **o significante e o significado são simultaneamente o valor um do outro** (BOUQUET, 2000, p. 258).

Já a **segunda categoria** do valor *in absentia* é denominada **valor sistêmico do signo**. Sumariamente, o valor sistêmico diz respeito às relações entre os signos no sistema lingüístico e se subdivide em valor sistêmico fonológico e valor sistêmico semântico. Segundo Bouquet, o valor interno do signo, mesmo que se diferencie, não se dissocia do valor sistêmico e estes dois “tendem a conjugar no fato indissolúvel na consciência do sujeito falante – o fato do valor *in absentia*” (idem, p. 267).

Dentro da complexidade do fenômeno valor, além do valor *in absentia* que provém da ordem associativa, entra em cena o **valor *in praesentia*** que diz respeito às relações de valor entre os elementos na cadeia sintagmática. O valor em seu sentido global, denominado por Bouquet (2000) de valor semântico¹⁷, é fruto da conjugação do valor *in absentia* e *in praesentia*. Nas palavras de Saussure:

[...] o valor resultará sempre do agrupamento por famílias e do agrupamento sintagmático. [...] São essas duas oposições perpétuas: por sintagmas e

¹⁶ Às três facetas que compõem o valor interno do signo se aplicam os três pontos de vista do arbitrário interno do signo: 1) Tomado um significante, não há nada que garanta a ligação deste com um significado qualquer; 2) Também não há nada que una um significado a um significante qualquer; 3) Há uma relação imotivada que funde um significado e um significante para formar um signo lingüístico.

¹⁷ Bouquet (2000) usa a terminologia “valor semântico” para designar fenômeno global do valor, pois acredita que a palavra “valor”, nos escritos de Saussure, está ligada à semântica.

por tudo o que difere (que não trazemos, mas que poderíamos trazer para o discurso) – é sobre essas duas oposições, modos de ser vizinho ou diferente de outra coisa, que repousa o mecanismo de um estado de língua (SAUSSURE *apud* BOUQUET, 2000, p. 268).

Nessa conjuntura, é preciso salientar o forte imbricamento entre os dois tipos de valor: o valor *in absentia* se manifesta na sintaxe¹⁸ que é justamente o plano de atuação do valor *in praesentia*.

Diante do exposto até aqui, notamos que estamos diante de um conceito bastante complexo, o valor. Este conceito, com todas as suas implicações, é definidor para a teorização do genebrino sobre a língua, já que permite que o mestre sustentar a máxima de que o sistema lingüístico é um sistema arbitrário composto por elementos que são incorpóreos e que adquirem valor pelas relações diferenciais. Supomos que várias dessas relações que o valor implica possam ser aplicadas ao estudo dos anagramas, especialmente no tocante à difusão dos elementos hipogramáticos ao longo do poema. É a esmiuçar os elementos que embasam essa que nos dedicaremos na próxima seção.

Os anagramas e a teoria do valor

Postos os principais aspectos dos estudos saussurianos sobre os anagramas e sobre a teoria do valor, pode-se, finalmente, estabelecer algumas relações entre estes temas.

Como já abordado neste trabalho, conforme Bouquet (2000), há dois tipos de relação de valor: 1) o **valor *in absentia*** que é composto pelo valor interno do signo e pelo valor sistêmico e, 2) o **valor *in praesentia*** que diz respeito às relações entre os elementos do sintagma. Conjugados, o valor *in absentia* e *in praesentia* formam o valor em seu aspecto global, o **valor semântico**. Neste quadro de relações de valor, o **signo lingüístico** está sempre em jogo, podendo ser considerado como a unidade¹⁹ fundamental para as elaborações que compõem a *CLG*.

Já no processo anagramático, mesmo havendo outras unidades envolvidas – tais como *estrofe* e *verso* –, a unidade fundamental é o **fonema**, visto que a delimitação tradicional das fronteiras entre as palavras é suspensa e os hipogramas só são detectados por uma “busca fonética” no poema. Observe a detecção do hipograma *Apollo*²⁰ num verso do *vaticinium* relatado por Tito Lívio - retirado de Starobinski (1974):

¹⁸ Sintaxe deve ser entendida num sentido mais geral como *uma teoria do que é a competência do caráter linear, ou seja, “espacial”, da produção lingüística* (Bouquet, 2000, p. 269).

¹⁹ O termo “unidade” não deve ser entendido como a menor unidade indecomponível, mas como elemento fundamental da teoria, tal como trabalhou Saussure.

²⁰ A única inexactidão deste anagrama, para Saussure, é que ***Apollo*** aparece diluído com **apenas um //**.

Anagrama: Ad mea tem Pla pŏrtâtĊ

Tradução: Leva até meus templos.

Se considerarmos que o verso acima esteja sob o “funcionamento lingüístico comum”, os fonemas, ao se relacionar, formam palavras que, por sua vez, formam enunciados. Porém, no processo anagramático, somente os fonemas hipogramáticos (marcados no verso) adquirem importância, pois eles reconstituem o hipograma que foi anagramatizado; no exemplo acima, reconstituem *Apolo*. Contudo, fora do anagrama, tanto os fonemas hipogramáticos quanto os demais fonemas, descartados pelo anagrama, participam normalmente do funcionamento do sistema lingüístico.

Assim como ocorre com o signo no sistema lingüístico, o **valor** de um **fonema hipogramático** não é estabelecido pela sua própria materialidade – valor incorpóreo –, mas através de relações sistêmicas que são negativas. Por exemplo: um [p] somente é [p] porque não é um outro fonema qualquer e, porque este [p] pertence ao hipograma e não pode ser lido na cadeia sintagmática quando está sob o funcionamento do anagrama. Desse modo, além de operar no plano sistema lingüístico, o **valor sistêmico**, uma das facetas do **valor in absentia**, também estaria presente no plano anagramático.

Além do valor sistêmico, o **valor in praesentia** também operaria no plano anagramático. Quando se trata do sistema lingüístico, o valor *in praesentia* diz respeito às relações de valor entre os elementos na cadeia sintagmática. No caso dos anagramas, pode-se falar em valor *in praesentia* quando fonemas hipogramáticos, anagramatizados ao longo do poema, são combinados para reconstituir palavra-tema qualquer. Nesse contexto, é razoável afirmar que a noção de valor, tanto sistêmico quanto sintagmático, seria aplicada, guardadas as devidas especificidades, analogamente à pesquisa dos anagramas e à teoria do valor.

Considerações finais

Inicialmente, dissertamos sobre o que são e como funcionam os anagramas e apresentamos as principais características da teoria do valor. Na seqüência, analisamos como a noção de valor, especialmente no tocante à “incorporalidade” e aos aspectos sistêmico e *in praesentia*, também pode ser aplicada ao funcionamento anagramático.

Segundo a nossa análise, haveria relevantes pontos de contato entre os anagramas e a teoria do valor que justificariam não adotar de maneira categórica a “dicotomia fácil” (DE LEMOS, 1997) que paira sobre a obra de Saussure. Afinal, o estudo dos anagramas ocorreu em um período praticamente concomitante ao desenvolvimento das articulações saussurianas sobre a língua e sobre a linguagem. Além disso, adotar essa “dicotomia fácil”, sobre a qual fala De Lemos, implicaria no fundo adotar um posicionamento a respeito do

que seria científico ou não: o suposto “misticismo” atribuído ao estudo dos anagramas poderia tirá-lo da agenda da ciência saussuriana?

Em busca de encaminhamentos para essa questão, ao longo desse trabalho, procuramos demonstrar que, em certa medida, a produção de Saussure foi direcionada por certos parâmetros de análise lingüística adotados por ele e aplicados tanto aos anagramas quanto à teoria do valor. Afinal, a máxima de que o fone hipogramático só valeria dentro do sistema anagramático está muito próxima a de que os signos só adquiririam valor nas/ pelas relações do sistema de língua. Desse modo, os anagramas seriam um estudo balizado por procedimentos que se pretendem “científicos”, procedimentos estes que não estariam, segundo nossa suposição, tão longe das formulações do *CLG*.

Assim, os anagramas, mais do que apenas um estudo interrompido, místico ou de difícil compreensão, poderiam figurar dentro da produção saussuriana enquanto mais um dos esforços teóricos do mestre. Nesse contexto, concordamos com De Lemos (*apud* Silveira, 2003) quando a autora afirma: “o *Curso* é uma obra que não desmente os anagramas”.

SILVA, K. A. CONCISE STUDY ABOUT THE ANAGRAMS AND ITS RELATION WITH THE VALUE THEORY IN SAUSSURE

In this paper, we intend to analyze the work of Ferdinand de Saussure about the anagrams and the value theory to describe a possible relation between both. With this purpose, we reflect about how the notion of value on the study of the anagrams would be similar to the same notion on the Course in General Linguistics.

Keywords: *Ferdinand de Saussure; Saussure's Anagrams; Value Theory.*

Referências bibliográficas

BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000. 317 p.

DE LEMOS, C. T.G. Entre a escrita dos “anagramas” e as “aulas do curso”: uma leitura de Saussure. IN. II CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL (mesa redonda). Florianópolis, 1997. Texto não publicado e fornecido pelo autor.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996. 79 p.

LAHUD, M. Alguns mistérios da Lingüística. *Almanaque 5*: Cadernos de Literatura e Ensaio. Ed. Brasiliense, p.28-37, 1977.

MILNER, J-C. Saussure – retour à Saussure. In: *Le périple structural*. Paris: Seuil, 2002, p.p.15-43.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Éd. critique par Rudolf Engler, repr. de l'édition originale, tome 1. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989. 515 p.

_____. *Curso de Lingüística Geral*. 23ª ed. São Paulo: Cultrix, 2001 [1916]. 279 p.

_____. *Escritos de Lingüística Geral*. Bouquet e Engler (org). São Paulo: Cultrix, 2004. 296 p.

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Lingüística*. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

STAROBINSKI, J. *As palavras sobre as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974. 117 p.

VIRGÍLIO, P. M. *Eneida*. Livros I, II e III. São Paulo: Livraria Salesiana Editora, 1952. 179 p.

Bibliografia

CULLER, J. *As idéias Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1979. 105 p.

GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990. 128 p.

GREENOUGH, J. B., KITTREDGE, G. L. E JENKINS, T. *Virgil and other latin poets*. Boston: Ginn, 1930. 220 p.

SILVA, K. A. Breve estudo sobre os anagramas e sua relação com a teoria do valor em Saussure. *Letras & Letras*, vol. 25, n. 01, 2009.

NORMAND, C. *Saussure*. 2ª ed. Paris: Belles Lettres, 2004. 174 p.

VASCONCELLOS, P. S. Efeitos de humor no poema VIII de Catulo. *Clássica*, São Paulo, vol. 9/10, p. 173-185, 1996/1997.